

Reprodução de modelos ou construção da prática pedagógica? Um estudo sobre a formação do licenciando em inglês da UFRJ

Raquel Souza de Oliveira*

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo analisar se a prática pedagógica de uma licencianda em inglês da UFRJ é pautada em reprodução de modelos ou em reflexões críticas. Apresentam-se, ainda, as vantagens da pesquisa-ação para professores que visem a entender melhor sua prática, a fim de que sejam implementadas mudanças que levem justiça a todos os agentes de sala de aula.

Professor. A que concepção estaria associada tal palavra? É provável que as possíveis respostas que se originem de tal questionamento orientem para dois tipos de perfil de docente, a saber: *professor dogmático* e *professor crítico*. O primeiro seria aquele em que o papel do professor resumir-se-ia a um mero reproduzidor de "técnicas de ensino" (cf. Moita Lopes, 1996) e de modelos. O segundo perfil seria caracterizado pela visão crítica do docente frente a sua prática pedagógica. Neste caso, estaria em evidência a compreensão deste professor quanto à necessidade de uma "auto-educação contínua" (cf. Moita Lopes, 1996 : 184), que se daria a partir da pesquisa.

No presente trabalho, realizo um estudo de caso de uma licencianda em inglês da Faculdade de Letras da UFRJ, a fim de analisar se a sua prática educacional se assenta em reprodução de modelos ou é pautada em reflexões críticas. Uma vez estando engajada em um projeto na área de Linguística Aplicada que preconiza a importância da pesquisa-ação na formação do licenciando em língua inglesa, venho também expor as vantagens desta estratégia de pesquisa para professores (em serviço e em formação) quanto a um melhor entendimento e a uma possível modificação de sua própria prática pedagógica (cf. McNiff, 1988; Thiollent, 1996; Wallace, 1998).

1- PROFESSOR DOGMÁTICO *VERSUS* PROFESSOR CRÍTICO

A palavra dogma pressupõe autoritarismo que, por sua vez, sugere um estado de coisas estabelecido segundo uma única perspectiva, que é aquela de quem detém o poder. Ao se falar em professor dogmático, está se falando, na verdade, naquele professor que se apropria de valores e conhecimentos associados a outrem e aplica-os, indiscriminadamente, em sua sala de aula. Isto significa dizer que, além de exercer o papel de consumidor de um conhecimento previamente concebido, ele é também repassador deste conhecimento, ficando resumido a um mero aplicador de

* Projeto Pesquisa-ação na Formação do Licenciando em Inglês como Língua Estrangeira, que é coordenado pela Profa Dra Alice Maria da Fonseca Freire e que faz parte do Projeto SALINGUAS (Pesquisa em Sala de Aula de Línguas) da UFRJ.

técnicas. Ao se defender o perfil de professor dogmático, está se advogando a favor da neutralidade do docente, visto que se pretende extrair a subjetividade daquele que está ali, aplicando as “técnicas de ensino”.

A necessidade de reprodução de modelos surge a partir do momento em que há a ausência de um posicionamento crítico do professor. Convém que se atente para a sugestão que está por trás da palavra modelo. De acordo com McNiff (1988: 21), “o termo modelo sugere um elemento prescritivo que pode encorajar os professores a acreditarem que o que eles lêem é o estágio final de um trabalho”. A mesma autora ainda afirma, na página 34, que a idéia de modelo estaria associada à noção de rigidez, que alija determinadas especificidades da sala de aula, tais como a espontaneidade, a imprevisibilidade e a criatividade. A sala de aula, que a priori deveria ser entendida sob um ponto de vista dinâmico, passa a ser vista como um espaço estático, uma vez que se anseia por variáveis controladas.

Ao se condenar uma prática educacional construída a partir de reprodução de modelos, é importante que se tenham algumas considerações. O que está em questão nesta discussão é a incapacidade do professor de analisar, de forma crítica, o modelo de aula que chega até ele. Quando o professor imagina agir em sala de aula tal como aquele professor do seu tempo de estudante, ele já está deixando em evidência o seu desconhecimento quanto às particularidades de cada contexto.

Não reproduzir modelos, todavia, não significa tampar os ouvidos e olhos para as experiências de outros professores. Significa estar instrumentalizado criticamente para avaliar o teor qualitativo destas experiências, a fim de que se possam estabelecer (ou não) relações com a sua própria rotina escolar. De acordo com Demo (1996: 56), “vale a pena escutar um bom professor, porque já não se trata de ser obrigado a ouvir um repassador barato de conhecimento alheio, mas de ter a ocasião de ver o que um criador de ciência continua a criar.”

Não se deve esquecer que o conhecimento não se inicia e nem se encerra no próprio indivíduo. Mercer (1995: 01-02) assevera que “a história das idéias mostra que a descoberta, a aprendizagem e a solução criativa dos problemas são raramente _ se é que são, de fato _ méritos individuais”. A coletividade é um aspecto primordial no sucesso de um empreendimento. É por esta razão que se pode afirmar que o professor tem muito a oferecer para si mesmo, para seus alunos e para seus colegas quando ele também assume o papel de pesquisador de sua própria prática.

Refletir criticamente sobre o seu próprio papel enquanto educador talvez seja o que melhor caracterize o *professor crítico*. Trata-se do profissional que se coloca interessado em conhecer mais a fundo a sua própria prática pedagógica, no intuito de ir em busca de soluções para eventuais problemas que estejam a ela relacionados. Este engajamento com sua própria prática requer um posicionamento ativo do professor, uma vez que é ele a pessoa mais envolvida com a realidade de sua sala de aula. Esta postura participativa do professor está em consonância com uma visão de sala de aula como o “espaço da procura do conhecimento” (cf. Moita Lopes, 1996: 184), o que vai de encontro àquela visão equivocada da sala de aula como o lugar das certezas.

A educação de professores e alunos precisa ser entendida como um processo inesgotável, exposto a uma constante retroalimentação (cf. McNiff, 1988; Moita Lopes,

1996). Esta constatação vem a desmitificar a idéia de que cabe a outrem a responsabilidade de formar um professor. Segundo Freire (1998: 52), "um professor não é formado por uma outra pessoa; ele se forma a partir de um trabalho constante de investigação e revisão de sua própria prática". Em outras palavras, a formação do professor está diretamente relacionada com a pesquisa de sua prática educacional. Neste estudo, optou-se por se apontar a pesquisa-ação como uma das estratégias de pesquisa que contribuem pela emancipação do docente.

Segundo Moita Lopes (1996: 185), a *pesquisa-ação* "é um tipo de investigação realizado por pessoas em ação em uma determinada prática social sobre esta mesma prática, em que resultados são continuamente incorporados ao processo de pesquisa, (...)". Graças à *auto-reflexão*, o professor não transfere a outrem a tarefa de pensar, sistematicamente, sobre a própria prática, estando em suas mãos os meios para se atingir progressos mediante situações educacionais insatisfatórias.

A idéia de ação subjacente ao termo *pesquisa-ação* leva o professor a subtrair a expressão "aceitação passiva" de seu vocabulário (cf. McNiff, 1988: 50) e colocar em ação as mudanças necessárias que, segundo Wallace (1998: 05), devem ser encaradas como um processo desafiador, e não como um processo ameaçador. Para Demo (1996: 51), "a ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa". Se o professor está ciente de que a sua emancipação depende de elaboração própria, ele, por conseguinte, promoverá também a emancipação de seus alunos. É por esta razão que se faz necessário um curso de formação de professores que preconize a importância da pesquisa na rotina do professor (em serviço ou em formação).

2- METODOLOGIA E SUJEITO DE PESQUISA

Conforme já foi explicitado na introdução, optou-se por desenvolver neste trabalho um estudo de caso, cujo interesse "incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações" (cf. Lüdke & André, 1986: 17).

O sujeito de pesquisa foi uma licencianda em inglês da UFRJ, aqui chamada de Vanda. Foram utilizados entrevistas gravadas em áudio e documentos em forma de relatórios apresentados no Curso de Didática Especial (Faculdade de Educação), que englobam os diários de pesquisa confeccionados pela licencianda.

3- ANÁLISE DE DADOS

A partir da triangulação dos dados, pode-se observar um posicionamento dogmático da licencianda, em que a necessidade de reprodução de modelos fica em evidência.

E: Sei... e o que que você procura observar nessas aulas?

V: Pois é / ele [[o professor de Didática especial]] (...) mandou a gente observar tudo (...)

E: Tipo assim: o que deu certo lá / você...

V: É / vou repetir //

E: Vai repetir?

V: *Vou imitar mesmo*¹ //

V: (...) tem um professor em quem eu me inspiro / é o C. / do ((Inint)) Curso X / do T.T.C.

E: Aí você tenta... *copiar* / digamos assim / algumas coisas da prática dele?

V: Hum hum //

(entrevista do dia 25/06/99)

Imitar, repetir e copiar são as palavras de ordem que orientam uma prática subtraída de reflexão e construída a partir da reprodução de modelos. Cabe salientar que a prática educacional fica reduzida a uma espécie de *Frankstein*, em que *pedaços* das práticas bem sucedidas de determinados professores são amalgamadas, a fim de gerar uma prática que se faz querer perfeita. Todavia, tudo indica que o destino do produto aqui concebido encontrará semelhanças com o fim da personagem ficcionalizada pela escritora Mary Shelley, em que a criatura se volta contra o seu criador.

Reproduzir um modelo significa conferir a outrem a responsabilidade que cabe ao docente, que é a de pensar sobre a sua própria prática. A licencianda, ao copiar a prática de um outro professor, confere a ele, implicitamente, uma responsabilidade que, na verdade, é sua. Porém, esta transferência de responsabilidade não se dá apenas de pessoa para pessoa, mas também de pessoa para material didático. Convém observar o que Vanda diz a respeito do livro adotado pelo seu professor de Didática Especial, Agenor².

"I also agreed with the choice of Agenor in terms of material (sic). *The book How to teach English*³ helped me in many aspects, since it is a kind of 'how to act in class' (grifo meu)."

(relatório apresentado no Curso de Didática Especial no 1o semestre de 1999)

O título do livro indicado pelo professor de Didática Especial é bastante sugestivo quanto à noção de formação de professor que subjaz na prática deste professor, que é responsável pela orientação acadêmica dos licenciandos de língua inglesa. *How to teach English (Como ensinar inglês)* já traz consigo um forte indício de entendimento de professor como um reproduzidor de concepções e métodos concebidos aprioristicamente e pretensiosamente aplicáveis em qualquer circunstância. Faz-se mister chamar a atenção para a aprovação da licencianda quanto à escolha desta bibliografia, principalmente por entender que ao livro cabe a autoridade de lhe fornecer as diretrizes para a modelagem de sua prática educacional. O formato de receituário fica linguisticamente marcado pelo uso do advérbio *como (how)* presente no título, o que enfatiza a noção de reprodução de modelos como entendimento de construção da prática do docente.

¹ Os símbolos E e V representam, respectivamente, entrevistadora e Vanda.

² Nome fictício.

³ HARMER, J. 1998. *How to teach English*. Longman.

Atinge-se, neste momento, o ponto nevrálgico da questão sobre formação de professores, que é a ausência de um interlocutor crítico. Para que a licencianda possa desenvolver reflexões críticas, é importante que ela conte com o auxílio de um interlocutor crítico que a oriente neste sentido. Ou seja, espera-se que ela possa contar com uma pessoa, que, na condição de par mais competente, acompanhe o processo de sua prática e dialogue com ela sobre os problemas que emergem. Idealmente, a pessoa a exercer esta função seria o professor de Didática Especial. No entanto, pela ausência de uma organização institucional efetivamente voltada para este fim - uma vez que um único professor tinha que atender um número muito extenso de licenciandas - a contribuição de Agenor ficava resumida a fornecer dicas.

E: Ele já foi lá [[no colégio particular onde Vanda completou seu estágio]]?

V: Não / ele ia / mas ele falou que o horário dele... / ele dá aula no mesmo horário / então não dá pra ele assistir //

(...)

E: (...) ele não assistiu nenhuma / né?

V: Nenhuma...

(entrevista do dia 29/10/99)

E: (...) o que que você acha do professor dessa disciplina?

V: Eu gosto dele // eu acho ele bom professor // (...) ele... ele incentiva / (...) Ele me dá sugestões / assim...

E: Sei...tipo "dica"?

V: Dica / é //

(entrevista do dia 25/06/99)

Diante deste quadro, fica, de fato, bastante difícil para o licenciando despertar para a importância de desenvolver reflexões críticas sobre o seu papel. Sem um apoio institucional, o licenciando será levado a acreditar que só há um caminho em sua formação profissional, que é o da formação dogmática. Ao despertar para a existência de uma via alternativa, que o conduzirá para sua verdadeira emancipação, o professor (em serviço ou em formação) perceberá que, mesmo sendo este o caminho menos trilhado, pela primeira vez, ele estará, de fato, assumindo a real identidade de educador, pois estará caminhando com seus próprios pés, sem precisar se apoiar na prática de outrem.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados no presente estudo evidenciam que a compreensão que a licencianda tem acerca de sua prática pedagógica pauta-se em reprodução de modelos, ao invés de ser construída a partir de uma reflexão crítica. O modelo de Vanda pode ser entendido sob diferentes perspectivas, uma vez que pode ser um professor, um livro ou uma atividade. Sendo um ou outro, o que, na verdade, importa, como situação-problema, é a busca de respostas em um ponto externo a sua prática.

A proposta é que as Faculdades de Letras e Educação da UFRJ despertem para a

necessidade de se repensar o curso de formação de professores, de forma a orientar os licenciandos sobre a importância da pesquisa - em destaque, a pesquisa-ação - na construção de sua prática pedagógica. Uma vez licenciando, Faculdade de Letras, Faculdade de Educação e Colégio de Aplicação articulados para o mesmo fim, estaremos, deveras, falando de um curso de formação de professores preocupado em formar verdadeiros educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEMO, Pedro (1996). *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo, Cortez.
- FREIRE, Alice Maria da Fonseca (1998). Aquisição de português como segunda língua: uma proposta de currículo. *Informativo técnico-científico do INES (09)*: 46-52.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D (1986). *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU.
- McNIFF, Jean (1988). *Action research: principles and practice*. London, Macmillan Educational Ltd.
- MERCER, Neil. (1995). *The guided construction of knowledge: talk amongst teachers and learners*. Clevedon, Multilingual Matters Ltd.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (1996). *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, Mercado de Letras.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da, FREIRE, Alice Maria da Fonseca (1998). Looking Back into an Action-research Project: Teaching/Learning to Reflect on the Language Classroom. *The ESPECIALIST*: 145-167.
- MUTTI, Regina Maria Varini (1997). Para uma re-significação do discurso pedagógico na pesquisa-ação (re-significada). *LETRAS - Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)*: 29-53.
- PRABHU, N. S. (1990). There is no best method - why?. *TESOL QUARTERLY*, 24(2): 161-176.
- RICHARDS, Jack C., RODGERS, Theodore S. (1986). The nature of approaches and methods in language teaching. In:—. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 14-30.
- THIOLLENT, Michel (1996). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo, Cortez.
- WALLACE, Michel J. (1998). *Action research for language teachers*. Cambridge, Cambridge University Press.